

* Lembranças de Julián Murguía

(1930 - 1995)

Foi no ano de 1980 que conheci o meu querido amigo Julián Murguía. Na festa de aniversário do Luiz de Miranda (O POETA). Todos reunidos numa grande mesa redonda. Alegres poetas-cantores versejando liberdade. Ali no bar do Schirmer, na velha República, Cidade Baixa. Festejando no *Doce Vida*. Velha Cidade Baixa Boêmia, do *Big-Som* do Marquinho (anjo-louco do jazz), do *Encontro* do Pernambuco (depois do IAB). Estavam lá o Bebeto Alves, acho que também o Talo Pereyra. A bebida certamente era vinho e a conversa era quente. Lareiras de versos e cantigas, pelos cantos da cidade, aqueciam na noite escura, fustigavam a ditadura. Julián, estrela viva, ainda está lá, instalado na lembrança. Magnético, olhos azuis vivos-alegres, sorriso franco e feliz. Meu amigo de primeira vez, muitas vezes e agora sempre eternamente.

Seguimos nos encontrando, lá no Miranda, que morava ali na Rua das Árvores, e saíamos, em tropel pela cidade, de luz em luzeiro, incendiando de versos espadas-flores-estrelas os bares da cidade. Julián era um inato contador de histórias e contos. Prendia a atenção, era um filme vivo ambulante. Sua luz era a liberdade. Seu braço era vontade feita palavra. Um *blanco*, verdadeiro uruguaio.

Em outubro de 1981, na feira do Livro, lancei meu primeiro livro, Ronda Alta. Julián Murguía estava em Nova York. Em 24 de dezembro, véspera de Natal, enviou-me o poema composto na *Big Aple: Coplas a los amigos*. Releio alguns versos dedicados aos amigos: "12/Una guitarra los llama/un vino los pone a hablar/y abrimos una picada/que cruza la soledad./19/ Los amigos que se fueron/siguen en el corazón/el que canta sólo muere/cuando muere su canción./20/Y siga el canto más vivo/dominando el desconsuelo./Siempre brilla más la estrella/cuando más negro es el cielo." Teu verso é vivo em mim companheiro e nos outros que ficaram, e nos que virão pelo mesmo nome escrito na Estrela Liberdade. Inocente como *los niños* que amava em teus contos, como aquele *Juán Manoel*. Sob o pseudônimo de Gudari, Julián obtivera um prêmio para seu livro de contos. Relendo localizei em dois deles seu deslumbramento pelas *cañadas*. Em *La Cañada* é sua voz que diz: "El campo sin agua no sería campo. Para ser completo, tiene que haber un arroyo, una laguna, una cañada...". Em *Los Cantos Rodados*, escreve: "Como una herida en el campo estaba la cañada. Como una herida con una gruesa cicatriz de monte. Era un costurón en la piel lisa del campo. El rojo invernal de los mimbrales dejaba paso al verde tierno de la primavera y, más tarde, al verde oscuro del verano. El verde del monte se hacía aún más oscuro en los veranos amarillos. Entonces, toda la vida del campo nacía de la cañada o a ella venía." Laços fortes, subjetivos arquétipos do homem do campo (campeiro), traduzidos em lealdade e franqueza cimentavam nossa amizade.

Julián não era só um escritor, era um político, lutava a sua maneira pela democracia. Lembro de certa feita quando convidou-me para ir ao Cinema Cacique, onde havia organizado a projeção de um documentário sobre o herói *blanco* Aparício Saraiva. Compareceram vários exilados uruguaio. Julián dizia que tínhamos muitas coisas em comum, êle, admirava o herói blanco, eu, o irmão revolucionário, Gumercindo Saraiva, que tombou na revolução de 1893. Saíamos a jantar e, alguma vez, nos acompanhava algum *hermano* expatriado. Eu era discreto, não indagava nomes, sabia que qualquer indiscreção poderia afetar a segurança do libertário.

Fomos envolvidos e absorvidos por nossos vórtices, cada um fazia o que tinha de fazer, mas ainda nos víamos, Julián era constante sempre como um cometa aparecia. Quando não, era sempre presença, mandava um cartão postal, como aquele de Genebra, marcando uma janta para abril. Eu na minha atividade acadêmica, êle na sua atividade cultural, tendo inclusive dirigido o Instituto do Livro, no Uruguai. Encontrei-o, insólitamente, no Tumeleiro, do Ed. Ely. Eu estava comprando um motor elétrico para puxar água na chácara, meu exílio voluntário na Mariana Pimentel. Convidou-me para passar as

férias em Punta. Lembro-me de sua insistência leal quando disse em belo portunhol (sabendo do tamanho da minha família): "...a casa é grande !" Não fui. Como não fui ao lançamento de seu último livro, "O Tesouro de Canhada-Sêca", obra prima do gênero. Rico de tempo(meu ledó e triste engano), adquiri o livro, e esperei o momento do autógrafo para regar a vinho e chalra o feito. E agora... partiu...Deixou-me um legado, em dedicatória, cantando Martin Fierro, de José Hernandez: "A naidés pido permiso/naide a dirigirme viene/yo digo cuanto conviene/ y el que en tal huella se planta/debe cantar cuando canta/con toda la voz que tiene" (Martín Fierro) "Um abraço. Julián Murguía."

Sérgio Borja Mariana Pimentel - Linha Flores -RS

Em 05.08.1995 - Quinta das Flores

ENVIADO PARA O JORNAL E NÃO PUBLICADO